



SUPERIORE GENERALE
CONGREGAZIONE DEI SACERDOTI
DEL SACRO CUORE DI GESÙ
Dehoniani

Prot. N. P0173/2016

Roma, 1 de maio de 2016

DAR POUSADA AOS PEREGRINOS

Carta por ocasião da festa do Sagrado Coração de Jesus

A todos os dehonianos

A todos os membros da Família Dehoniana

O ENCONTRO COM O ESTRANGEIRO

No caminho do regresso de Koodal para Aluva, pequena cidade do sul da Índia, paramos à beira da estrada num pequeno café do lugar. A imagem que nos dá esta povoação é tudo menos tranquila: muita animação na estrada, altifalantes, bandeirinhas, cantores, bailarinos, partidos que mostram os seus símbolos. Obviamente estão numa manifestação eleitoral. Há barulho. Depois de uma longa viagem de carro estamos cansados, com fome e sede. Num café bastante tranquilo, o P. Thomas Vinod, superior do distrito, pede para cada um de nós uma Pepsi Cola e um *cutlet*, um croquete de verduras, farinha e especiarias (relativamente) picantes – um petisco apreciado no Kerala.

Um homem senta-se à mesa junto a mim, um indiano idoso, e pede o mesmo que nós, substituindo apenas a Pepsi por um chá. Quando acaba de comer, olha-me de soslaio, da cabeça aos pés, e diz-me: Jogas basquete? – Não, de modo nenhum, respondo; no basquete sou um aselha. Depois falamos do desporto na Índia e na Alemanha. Mais tarde quando nós dehonianos – o P. Thomas Vinod, o P. Steve Huffstetter, o P. Lenin James e eu – deixamos o local e vamos para o carro, o vizinho de mesa volta ao meu encontro, apontando a pequena cruz dehoniana de madeira que eu uso, e pergunta: Que é isso? – É uma pequena cruz de madeira, respondo. – Magnífico, diz ele, também acreditas na energia mágica!

Quem viaja tem de contar com surpresas. Algumas deixam-nos sem palavras. Viajar muda as pessoas. O contato com uma cultura estrangeira, o encontro com estranhos, a reflexão sobre as ideias dos outros mudam-nos. Tornam-nos diferentes. Transformam-nos. E sem transformação não há vida!

AS MIGRAÇÕES, SINAL DO NOSSO TEMPO

Muitos encontros geram vida nova. No nosso tempo esta possibilidade amplia-se porque jamais ao longo da história viajaram tantas pessoas, à procura da vida, como nos começos

do século XXI. Em finais do século XIX, o P. Leão Dehon sentiu-se desafiado pela revolução industrial. Com a sua Congregação quis dar uma resposta aos problemas e necessidades, mas também às oportunidades e possibilidades da revolução industrial para as pessoas. Encontrou na devoção ao Coração de Jesus o fundamento para a sua resposta e a ancoragem profunda para a sua ação. Queria viver e agir como Jesus.

O Padre Dehon abriu os seus sentidos, de modo a poder sentir o palpitar do Coração de Jesus, para fazer desse palpitar de Jesus o seu próprio palpitar, e fazer dos olhos de Jesus os seus próprios olhos. Quis responder de modo a poder assumir os pensamentos de Jesus e agir como Ele, com paixão. Aquilo que para o Padre Dehon, em finais do século XIX, significou a revolução industrial, significam para nós, nos começos do século XXI, as migrações. Como dehonianos vemos nas migrações o maior desafio do nosso tempo.

Atualmente na África, Ásia, América e na Europa dezenas de milhões de pessoas deixam as suas casas. Movem-se dos campos para as grandes cidades, de um país para outro, de um continente para outro. Porquê? Porque estão com problemas económicos, como outrora Abraão, quando emigrou para o Egito “para aí viver” (Gn 12,10), porque se abatera uma carestia sobre Canaã. Outros abandonam o próprio país, não por causas de calamidades naturais, mas porque são perseguidos por gangues e por guerras. Outros fogem porque caíram na miséria devido à exploração e a estruturas injustas. Em fidelidade dinâmica ao nosso Fundador, queremos dar às consequências das migrações sobre as pessoas uma resposta que venha do nosso interior e da atitude de Jesus.

OS DEHONIANOS E AS MIGRAÇÕES

Como sabeis, queridos irmãos, nos próximos anos a nossa Congregação quer dar especial atenção à misericórdia de Deus. Na misericórdia de Deus vemos o sinal central do seu amor pelos homens. “O nome de Deus é misericórdia”, este título acerta em cheio na experiência e nas convicções do Papa Francisco.¹ Nas cartas que vos dirigimos, deixamo-nos guiar pelas sete obras de misericórdia espirituais e corporais. Na carta por ocasião do aniversário natalício do Padre Dehon, 14 de Março de 2016, entre as obras de misericórdia espirituais, centramos a nossa atenção sobre: “Sofrer com paciência as fraquezas do nosso próximo”. Em conexão com esta tarefa, convidamo-vos, agora, a refletir sobre a obra de misericórdia corporal: “Dar pousada aos peregrinos”. Que significa para nós acolher os peregrinos? Que significa para nós dehonianos acolher os estrangeiros e sem teto?

A nossa primeira visita levou-nos à Índia. Na paróquia dos nossos confrades, em Mumbai, encontrámos pessoas provenientes das migrações. Nenhuma delas tinha nascido naquela zona periférica de uma cidade com 25 milhões de habitantes. Todas – como Abraão – vieram, por razões económicas, de outros estados indianos com as suas famílias e os seus escassos haveres para Mumbai, à procura de melhor sorte, para alcançar para si e para os seus filhos uma vida melhor. Mas tudo isto não é nada fácil. Quando a 31 de Janeiro, depois da missa dominical na paróquia da Divina Misericórdia em Vasai, zona norte de Mumbai, fomos convidados a falar com homens e mulheres comprometidos na comunidade, tivemos

¹ Papa Francesco, *Il nome di Dio è Misericordia. Una conversazione con Andrea Tornielli*, Milano 2016.

de constatar, com surpresa nossa, que nenhum dos trinta participantes tinha nascido ali. Todos provinham de vários estados da Índia e falam diversas línguas:

- Os migrantes do Kerala falam malayalam
- Os migrantes do Tamilnadu falam tamil
- Os migrantes do Andhra Pradesh falam telugu
- Os migrantes do Maharashtra falam marathi ou hindi
- Os migrantes do Goa falam konkani ou inglês
- Os migrantes do Uttar Pradesh falam hindi
- Os migrantes do Jharkhand falam hindi e dialetos
- Os migrantes do Odisha falam odia
- Os migrantes do Karnataka falam kannada

Só as pessoas instruídas falam um bom inglês, não as pessoas simples chegadas a Mumbai, que incluem ainda muitos analfabetos. Nesta realidade, como em tantas outras do mundo, permanece em aberto o desafio de construir relações francas capazes de se apoiarem reciprocamente. É preciso oferecer ajuda a famílias desestruturadas, e recompor relações desfeitas. É preciso garantir formação para todos aqueles que sofrem carências físicas, psicológicas e espirituais.

À PARTIDA ESTÁ O INTERESSE PELO OUTRO

Lendo a realidade de muitas zonas em que atuamos surgem espontaneamente algumas perguntas. Que respostas podemos dar como Sacerdotes do Coração de Jesus às necessidades que nascem das migrações? Como podemos concretizar, hoje, a atitude interior de Jesus, o seu olhar, o seu ouvir, o seu contactar, o seu pensamento, as suas palavras e o seu agir? A narrativa dos discípulos que a caminho de Emaús encontram o Senhor ressuscitado espelha muito bem e concretamente o que significa, por um lado, ser apátrida e, por outro, dar pousada aos peregrinos.

Depois de um longo caminho, os discípulos de Emaús estão cansados, com fome e sede. Jesus, a caminho com eles, toma a iniciativa e pergunta: Que é que vos atormenta? Que é que vos preocupa? Que palavras são essas que trocáis entre vós? O Senhor, desconhecido peregrino, mostra interesse pelos outros, interrogando-os sobre a sua vida. Escuta-os, cheio de curiosidade. Eles narram a história da cruz. Este interesse pela existência do outro, a pergunta sobre a situação dele, é um pressuposto para todo o verdadeiro encontro, para toda a relação humana e para toda a comunidade. Também para a nossa Congregação e para as nossas comunidades, à partida deve haver interesse pelo outro.

Só depois, amigos que tem alguma coisa a dizer uns aos outros e se compreendem bem – ou estranhos que querem compreender a si mesmos –, se sentam à mesa, e comem juntos. Cuidar da comunhão à mesa permanece, ainda hoje, o sinal mais visível da comunidade. Sem comunhão à mesa, os Sacerdotes do Coração de Jesus perdem-se. Sem a fração do pão no altar, por um lado, e, por outro, sem a refeição em comum de arroz, mandioca, massa, *cutlet*

e batatas, não há autêntica vida religiosa dehoniana, nem efetiva hospitalidade e acolhimento de peregrinos e estrangeiros. Só à mesa comum o estranho se torna amigo. Também isto é sabedoria de Emaús. Sentar-se à mesa juntos, comer e beber juntos e falar uns aos outros a partir da vida, cria proximidade e confiança. Depois, tudo se transforma em descoberta e corrida. Alegria por um encontro capaz de abrir às novidades da história.

FALAR NÃO CHEGA – ATUAR COMO COMUNIDADE

Perante a emergência histórica dos refugiados o nosso Santo Padre Francisco exortou as comunidades religiosas a acolher os migrantes nos seus mosteiros e estruturas. Não chegam os discursos. Não basta falar. Trata-se de dar aos refugiados, deslocados e apátridas alojamento: espaço partilhado, tempo partilhado. Seguir esta ideia não é nada de novo na nossa Congregação. Pelo contrário: faz parte da nossa história de fundação. Leão Dehon ocupa-se, e não só nos seus escritos, da questão dos emigrantes europeus que partem, em finais do século XIX, para o “Novo Mundo”, para o Canadá, para os Estados Unidos, para o Brasil, para a Argentina e também para a Austrália². Em 1913, o padre Dehon escreve que seria bom que os emigrantes europeus fossem acompanhados por missionários. Nos anos precedentes (1889-1899) tinha-se interrogado sobre a criação de um instituto para os emigrantes, em Clairefontaine. Consulta os Escalabrinianos que já têm experiência neste campo e são apoiados pela Santa Sé. Num encontro em Lovaina, em 1899, são avaliadas duas opções para comprometer de modo adequado os confrades holandeses que cresciam rapidamente: “faire une école hollandaise à Sittard ou une maison de secours aux émigrants à Rotterdam”.³

Se todas estas considerações são verdadeiras, o Filho do Homem, quando, no juízo final, vier na sua glória, com todos os seus anjos, sentar-se-á no trono da sua glória e perguntará: “Que fizeste quando eu era estrangeiro e sem teto?” (Mt 25). Que lhe direi, então? Que lhe diremos como comunidade que pretende escutar o ritmo do seu coração? Cada confrade tem de responder, mas também cada comunidade deve dar a sua resposta. Concretamente, como Governo Geral propomos:

Cada província (e cada região e distrito) tenha, pelo menos, um projeto em que os confrades se ocupem de modo particular com os migrantes. As nossas casas estejam abertas: os confrades tenham tempo para acompanhar as pessoas no seu caminho de vida, para escutar - independentemente da classe social a que pertencem, da casta ou da tribo. Julgamos importante que cada confrade sinta na própria pele ser estrangeiro, que cada um faça a experiência de ser estrangeiro entre os estrangeiros. Entre outras coisas, a este propósito, julgamos importante que cada um aprenda uma língua diferente, depois de um prévio discernimento com o superior da entidade, viva pelo menos um ano num país estrangeiro, com uma língua estrangeira, e se comprometa num projeto social. Para melhor comunicação

² Cf. per es. *Notes Quotidiennes*, NQT 27/38; NQT 25/67; MLA 725; NQT 22/122; *Les Chroniques du Règne*, CHR 1890/34.

³ *Notes Quotidiennes*, NQT 15/3. Agradecemos ao Padre Juan José Arnaiz Ecker do Centro Studi Dehoniani o seu contributo *La Migrazione in Padre Dehon*, publicado a 1.04.2016 em www.dehon.it. Na história da receção, este è o primeiro estudo sobre as migrações na vida e na obra de Leão Dehon.

entre os dehonianos em todo o mundo, para permitir comunicar entre nós, decidimos que o inglês seja a língua comum.

RESPONDER DE MANEIRA CRIATIVA

Nas nossas paróquias, escolas, universidades, nos institutos educativos e formativos, nos nossos projetos sociais, naquelas áreas em que temos influência sobre a opinião e sobre o julgamento que fazem as pessoas, como por exemplo nos media e nas publicações, ponhamos o tema das migrações. Estamos convencidos de que todos os confrades podem fazer alguma coisa. Todas as comunidades podem responder de modo criativo. Todas as instituições, todas as obras podem contribuir de modo específico para as exigências e problemas que vêm das migrações. Ao mesmo tempo, em todas as comunidades onde vivemos, em todas as instituições em que trabalhamos, podemos perceber e utilizar em benefício das pessoas as oportunidades e possibilidades positivas que emergem das migrações.

Como filhos do Padre Leão Dehon sentimos que não podemos enterrar os nossos talentos. Portanto, num tempo de grandes deslocações de pessoas, provocados pelo fenómeno das migrações, e de transformações culturais, damos grande importância à especialização, à formação permanente. Pelo menos, um terço dos confrades deveria obter uma especialização em teologia, filosofia, doutrina social da Igreja, em economia, direito, matemática, estudos islâmicos, história da arte, música ou outras matérias. O mundo, que se torna cada vez mais complexo, exige de nós um estudo aprofundado, para poder estar à altura de responder articuladamente às perguntas das pessoas. Num contexto caracterizado por muitas religiões, por zonas parcialmente descristianizadas ou por uma progressiva secularização em alguns países, devemos estar à altura de responder, certamente com o testemunho da nossa vida e com a luz da nossa razão. Mas também devemos estar à altura de oferecer uma resposta articulada, quando alguém se interessa por nós, apontando a cruz com o coração aberto e dizendo a nós mesmos: Então, também tu acreditas na energia mágica!?

Viver a partir a partir da interioridade e da atitude de Jesus une-nos, tornando-nos verdadeiramente homens, apaixonados e tem um efeito antitotalitário. O ritmo do Coração de Jesus compele-nos a viver com entusiasmo e paixão. E a dar respostas aos desafios de hoje, de modo concreto e comprometido.

Da parte dos confrades do Governo Geral, desejamos a todos os confrades, à família dehoniana, às colaboradoras e colaboradores, os muitos dons do Espírito Santo para a Festa do Sagrado Coração de Jesus!

In Corde Jesu

P. Heinrich Wilmer,
Superior Geral e seu Conselho